CORDEL
BALUARTE ALEXANDRINO
T
A
F
Á
CÁRLISSON GALDINO

Creative Commons

desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Cárlisson Borges Tenório Galdino

Cárlisson Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: http://www.carlissongaldino.com.br/.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Host do podcast sobre política e notícias Politicast: http://politicast.info/.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram

vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

O cordel Baluarte Alexandrino não segue um modelo métrico, rítmico ou de rima convencional, variando muito no decorrer dos seus versos.

2011

Chegam os primeiros raios de sol
Trazendo luz à capital estadual
E invadindo janelas, levam lucidez
Para todos, que criam ser um dia normal

Mas curioso é o que as forças do tempo criam
Pra contrariar quem pensa que é deus, mas é mortal
São capazes de modificar o que há de mais natural

Parecia normal mas, daquela vez
O sol brilhou mais forte, um brilho excepcional
E num lance de magia contrariou todos
Que criam ser um dia normal

E a magia brilhava de novo na Terra
O que gerou um gigantesco caos social
Ninguém conseguia entender mais nada
Após uma mudança tão radical

O tempo mudava sem avisar
Os loucos começavam a levitar
E pouco a pouco os sãos enlouqueciam
Viam tudo e nada entendiam

Veio então um tal de Mano Rei
Conhecedor de muitos segredos arcanos
E desde então se desconhecia a lei
Ele pregava o caos com seus maus dons profanos

- É o fim de tudo. - todos proclamavam
- E o pior é que o pior ainda está por vir
Foi quando do subúrbio apareceu a salvação
No calor e combustão das mãos de Vlademir

Vlademir Gláder sempre foi um revoltado
Mas soube canalizar isso para o lado certo
E se tornou justiceiro, ganhando dinheiro
Matando quem tentava bancar o esperto

Mas foi em meio ao caos que ele descobriu
Que ganhara dons fortes, de tal maneira
Que Vlademir Gláder ser sentia um deus
Capaz de explodir em chamas a cidade inteira

E Vlademir se levantou contra o poder
Do Mano Rei, quando este já tinha seguidores
Mas só serviu pra medirem suas forças
Foi um simples confronto sem vencedores

Mas Vlademir e Mano Rei não tavam sós
Havia mais dotados de poderes no pedaço
E Mano Rei saiu a procurar reforços
Pra poder montar o seu próprio exército de aço

Perseguindo mais alguns bandidos
Estava o solitário justiceiro
Quando por um outro cara foi procurado
Que lhe chamou: o primeiro super-herói do mundo inteiro

Vlad Gláder, como ficou conhecido
Já era capaz de inflamar a terra e o céu
Junto de José da Silva, completou o quarteto
A chegada de Antônio Manoel e Miguel

José da Silva tinha a água
Miguel controlava os ventos
E o Antônio Manoel completava para o grupo
O domínio sobre os quatro elementos

E o quarteto elemental partiu
Pra enfrentar as forças do mal
Em toda a tropa do Mano Rei
Com um heroísmo fora do normal

Vlad Gláder saía na frente
Incinerando a linha de frente do oponente
E José da Silva, a ele rente
Destruia o Q.G. com uma rajada de torrentes

Antônio Manoel abria no cimento
Uma cratera em um minuto barulhento
Enquanto Miguel seguia pro céu lento
Pra surpreendê-los, de cima, trazido pelos ventos

Foi uma luta de horas a fio
Tiveram que lutar contra um dragão
Psíquicos, metamorfos, necromantes com seus
Exércitos de monstros em decomposição

Mas no fim eles venceram
E conseguiram encontrar o Mano Rei
E lutaram por tanto tempo
Tanto tempo, tanto que eu nem sei

E numa ensurdecedora
Explosão de brasas, chamas e vapor
Toda a tirania do Mano Rei
Caía ao poder do quarteto aniquilador

E a ordem voltava à cidade
O povo aplaudiu de pé seus defensores
E Vlad Gláder e os outros três
Passaram a perseguir todos os tipos de infratores

Mas tudo tinha as mãos das cinco nações
Fazia parte de seu jogo imundo
E eles não aceitariam perder
Pra um simples país de terceiro mundo

O mundo se voltou contra os quatro
Confrontos e boatos por televisão
Em um mundo de loucos são
Loucos os que são sãos

Da noite para o dia para o povo
Mocinhos viravam vilões
Vlad Gláder era procurado
Pelos poderosos das cinco nações

Não dá pra viver mais assim
Temos que arrumar uma proteção
Vamos logo ou logo será o fim de nós
Nossas lutas não podem ter sido em vão

E como o muro de Berlin
Da noite para o dia se erguiam paredes
De pedras, no meio da cidade
Reforçadas contra caças, mísseis e foguetes

Estava pronto o baluarte
Eles podiam finalmente dormir em paz
Lutar às vezes é bom
Mas, sem razão, já haviam lutado demais

Todos os seus inimigos
Tentaram de alguma forma invadir
Mas os que chegaram perto
Conheceram o inferno nas chamas de Vlademir

Mas um dia qualquer, sem razão aparente
Estando com Vlad Gláder sozinho
Resolveu destruir um dos maiores do planeta
Com um pouco de veneno em um simples copo de vinho

Depois de tanto esforço defendendo o baluarte
Morreu como o Grande, traído por um aliado
Em seu baluarte ninguém poderia entrar
Mas seu inimigo habitava do seu lado